

A vida da memória e a morte social: Uma proposta de olhar fenomenológico para análise e intervenção sobre a morte social

The life of memory and social death: A proposal for a phenomenological look for analysis and intervention on social death

Gabriel Barth da Silva¹

¹ Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná, Mestre em Sociologia pela Universidade do Porto e Graduado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, Brasil. Atua principalmente em temas envolvendo práticas culturais e emoções.

Resumo

O presente trabalho propõe, ao realizar uma revisão de literatura narrativa sobre o fenômeno da morte social, refletir sobre como sua ocorrência relaciona-se com a vivência de jovens. Essa iniciativa é pensada a partir da perspectiva fenomenológica centrada nos estudos de Eugène Minkowski e apoiada pela produção teórica de Paul Ricoeur, e busca como o ato de recordação pode ser uma resposta possível para mitigar o sofrimento que resulta desse fenômeno. O objetivo do trabalho, portanto, centra-se na elaboração teórica sobre como a prática musical pode atuar em casos de morte social, resgatando o contato vital do sujeito a partir de suas lembranças. Após conceituar a morte social e propor leituras fenomenológicas sobre sua ocorrência, é proposto o uso da atividade musical enquanto forma possível de exercício de recordação para reestabelecer experiências significativamente afetivas enquanto apoio identitário na vivência cotidiana. O presente trabalho apoia o contínuo desenvolvimento de investigações acerca do fenômeno da morte social e suas possíveis formas de compreensão e intervenção clínica.

Palavras-chave: Morte social; Fenomenologia; Memória; Psicoterapia; Atividade musical.

Abstract

The present work proposes, by carrying out a narrative literature review on the phenomenon of social death, to think about how its occurrence is related to the experience of young people. This initiative is thought from the phenomenological perspective centered on the studies of Eugène Minkowski and supported by the theoretical production of Paul Ricoeur, and seeks to understand how the act of remembering can be a possible answer to mitigate the suffering that results from this phenomenon. The objective of the work, therefore, focuses on the theoretical elaboration on how musical practice can act in cases of social death, rescuing the subject's vital contact by the act of remembering. After conceptualizing social death and proposing phenomenological readings about its occurrence, the use of musical activity is proposed as a possible form of memory exercise to re-establish significantly affective experiences as an identity support in everyday life. The present work supports the continuous development of investigations about the phenomenon of social death and its possible forms of understanding and clinical intervention.

Keywords: Social death; Phenomenology; Memory; Psychotherapy; Musical activity.

Introdução

O presente estudo pretende, a partir da perspectiva fenomenológica, analisar como a morte social pode ser compreendida na realidade, percebendo-a enquanto uma experiência que é simultaneamente individual e social, e como essa compreensão da sua manifestação torna-se imensamente relevante ao contextualizar sua vivência na história de vida do sujeito que possui suas próprias experiências afetivas significativas. Partindo dessa proposta, considera-se como, buscando o acesso de memórias pela atividade musical, é possível reinterpretar e ressignificar a experiência da morte social, visando estabelecer um exemplo possível de direcionamento para a prática profissional em psicoterapia desses casos. Estrutura-se, portanto, a investigação e um olhar exploratório, que traçam uma base conceitual e de possíveis casos de manifestações em relação à manifestação psicopatológica em torno da morte social a partir de uma revisão de literatura narrativa acerca da produção contemporânea sobre o tópico para, então, perceber os processos descritos em uma ótica fenomenológica e, em sequência, reconhecer um ponto possível para estruturar um diálogo com quem é acometido pela psicopatologia nomeada, no presente caso pela via da memória, para reestruturar a identidade do sujeito afetada pela vivência do fenômeno.

A perspectiva fenomenológica que embasa a presente discussão é centrada a partir de Eugène Minkowski (1970, 2000, 2004, 2016), sendo complementada por Nolasco e Freitas (2021) e Freitas (2013). Partindo dessa base, elencada pelo uso de um autor estruturante que estabelece em sua epistemologia o valor de perceber o contexto próprio da manifestação do fenômeno, com seus próprios valores e características, ressaltando como se deve pensar na qualidade da relação estabelecida pelo sujeito com sua realidade em sua própria temporalidade vivenciada pela sua trajetória de vida, e apoiado por uma produção teórica que se utiliza exatamente da produção de Minkowski para debater o fenômeno do luto na vida cotidiana, busca-se estruturar um pensamento que permita analisar e explorar possíveis formas de perceber, no campo clínico, casos que estão situados em torno do fenômeno da morte social. O luto, portanto, é pensado na relação do sujeito consigo mesmo, com um afastamento de uma ideia, narrativa e imaginário de si mesmo que foi rompido, que se encontra perdido em decorrência de experiências de vida que vieram a resultar na experiência da morte social.

Os processos que envolvem a memória, central para a compreensão e a realização da presente proposta, são embasados a partir da perspectiva de Paul Ricoeur (2007).

Busca-se, nesse processo, perceber a importância da situação do sujeito no seu existir, no seu viver o tempo, visando estruturar narrativas que dão continuidade entre um passado, presente e futuro, com vivências próprias de seu corpo e seus contatos com outras pessoas e objetos. As teorias de Minkowski e Ricoeur auxiliam na criação de uma base para compreender como a memória atua cotidianamente na realidade, permitindo sua instrumentalização para o trabalho em conjunto com sujeitos acometidos pelo fenômeno da morte social. Ao final, são dados exemplos de como uma das possíveis saídas de instrumentalização da memória nesses casos pode se dar pela via da memória musical, permitindo a construção de novos sentidos para os sujeitos em seus processos particulares de despersonalização e perda de sentido. Assim, ao final do presente estudo, centra-se na elaboração teórica sobre como a prática musical pode atuar em casos de morte social, resgatando o contato vital do sujeito a partir de suas lembranças.

A morte social

Ao elaborar acerca do fenômeno da morte social, Králová (2015) irá argumentar que o termo é utilizado de forma livre, dificultando o diálogo entre as ciências e a formação de um corpo teórico conciso sobre o tópico. Considerando isso, a autora delimita morte social como um fenômeno que abarca na literatura vigente: perda de identidade social; perda de conexões sociais; e perdas associadas com a desintegração do corpo. De forma concisa, a autora reconhece o fenômeno como a antítese de bem-estar. Borgstrom (2017) ressalta como o termo “morte social” pode ser utilizado enquanto um descritivo de um estado de ser em que o sujeito é tratado como morto ou inexistente, distinguindo-se da morte física e podendo ser independente dela. Podendo ser vivenciada a partir da experiência do luto ou, como será percebido a seguir, por diversas outras razões ou fenômenos que advêm de vivências inerentemente interpessoais, é possível observar, como expõe Elias (2001), que “muitas pessoas morrem gradualmente” (2001, p. 8).

Culturalmente, Elias (2001) explora o processo em que a morte e os moribundos são excluídos da vida social, havendo um generalizado desconforto ao tratar o tópico e, por conta disso e da falta de palavras possíveis no repertório comum para encarar o fenômeno, há um abandono estrutural de quem vivencia processos correlacionados com o morrer. Há um distanciamento dos vivos com os mortos, seja pela impossibilidade de manifestação social da morte de uma forma leve e pelo temor da imagem antecipada da

morte, seja pelo medo da solidão resultante do processo de morrer e pela sua impossibilidade de partilha. A solidão no caso da morte, como ressalta Norbert Elias, ocorre também quando a pessoa ainda viva deixou de ter significado para as outras, tornando-se verdadeiramente só.

Compreender esse processo na realidade contemporânea demonstra-se como um grande desafio, principalmente por conta dos elementos multifacetados que compõem sua dinâmica. A partir desse desafio, torna-se sensato abordar o termo “mistanásia” para melhor compreender uma das faces de maior relevância ao investigar o fenômeno na realidade brasileira. Como Massariol (2020) define, o termo representa: “mortes antecipadas e severinas, tanto em seu aspecto biológico, como em seu aspecto biográfico, que são ignoradas e invisíveis, conotativa e denotativamente, pela macro sociedade (pessoas individuais e Estado)” (2020, p. 14). Completando essa definição, Mendonça e da Silva (2014) elaboram:

A exclusão social, por sua vez, é um fenômeno expropriador, excludente, alienador da própria condição humana. O homem excluído não mais apresenta importância econômica, viabilidade, no mundo da produção e consumo. O ser, desconstituído de humanidade, ao se tornar inviável, deixa de existir para a sociedade de consumo de massa. Torna-se invisível, descartável. O indivíduo vive, mas não existe. (Mendonça & da Silva, 2014, p. 181).

Compreende-se a partir dessas definições que partem de uma investigação de mortes essencialmente evitáveis, que não correspondem com o processo natural de morte seguindo o fim do ciclo vital, e que podem ser percebidas e vivenciadas antes mesmo do fim da vida do sujeito. Considerando a solidão como um fator de imensa relevância, pois determina o sentimento referente à perda de conexões sociais, que pode acarretar outras perdas indicadas por Králová (2015), torna-se relevante investigar acerca do tópico.

A perda de conexões sociais, como previamente relatado, possui uma conexão próxima com a perda de identidade, o sentimento de desintegração e a falta de sentir-se tendo relevância significativa para outras pessoas, invisibilizando o sujeito. Esse fenômeno ressalta a importância dos estudos sobre solidão ao analisar a ocorrência de morte social. Neto e Barros (2001) percebem a solidão como um fenômeno que acomete, principalmente, jovens e idosos, não sendo presenciada na mesma escala em populações adultas. Em seu estudo, apesar de não surgirem diferenças de gênero, apontaram que não há como confirmar essa hipótese com veemência. Além disso, os autores ressaltam: “não

é possível encontrar uma pessoa que sinta pesadamente a solidão e que se sinta satisfeita com a vida ou seja otimista” (Neto & Barros, 2001, p. 84).

Na juventude, nomeadamente na infância, Williams (2007) exemplifica como o ostracismo pode gerar morte social: citando o caso de uma paciente, o pesquisador relata como ela, em idade pré-escolar, beijou um menino que, ao sentir-se envergonhado, contou aos seus amigos. Esses criaram, de forma imaginária, um repelente antigermes da menina e relataram a brincadeira para outras meninas, que excluíram sistematicamente a paciente ao criar essa fantasia de que necessitavam utilizar o repelente em tudo que ela tocava e vivenciava. Isso resultou não apenas em um caso traumático no cotidiano escolar a partir dessa resposta automática sobre qualquer ato seu cotidiano, mas também na sua exclusão de qualquer evento social pelos seus pares. Como o autor ressalta, o ostracismo é caracterizado pela exclusão e por ser ignorado, sendo um fenômeno comum na realidade cotidiana, que por sua vez gera sofrimento e estresse profundo, impedindo a realização de vivências fundamentais de pertencimento e de um sentimento de autoestima positiva e de existência significativa, sendo experiências que, em geral, são percebidas na morte social apesar das diferenças individuais, que também necessariamente devem ser consideradas.

Kaplan (2013) ressalta como, na juventude, a autovalia é afetada em decorrência de fenômenos sociais em que “os jovens são estigmatizados e se autoestigmatizam” (2013, p. 261). Uma fonte de violência no seu cotidiano localiza-se no “sentimento de vazio existencial, a desesperança em torno da perspectiva de futuro” (2013, p. 261). No caso de jovens subalternos, gera-se, então, um contínuo medo da morte, reiterando, nesse processo, as características previamente apresentadas acerca da ocorrência de morte social e mistanásia.

Aprofundando nos casos dos jovens, dos Santos et al (2013) percebem como há uma diferenciação básica ao discutir casos de solidão na juventude, em que pode ser notado um isolamento passivo e ativo. No caso passivo, há uma internalização dos problemas vivenciados em sua vida, resultando, muitas vezes, em casos de depressão, enquanto nos sujeitos ativos há uma maior presença de comportamentos agressivos e impulsivos. Em casos de gravidez na adolescência, Whitehead (2001) percebe que o isolamento em geral decorria a partir de uma percepção das grávidas se sua situação transgredia ou não um código moral, seja por razões religiosas ou culturais, que geravam

um sentimento de estigma sobre seu momento de vida, indicando se haveria uma rede de apoio ou um encaminhamento em direção a uma morte social.

Ao debater sobre o caso de jovens adultos universitários, Barroso, Baptista e Zanon (2018) ressaltam como, ao analisar o fenômeno da solidão, não se deve compreendê-lo apenas como um esgotamento total da rede de pessoas em torno do sujeito, mas a partir de uma discrepância qualidade/quantidade de relacionamentos que uma pessoa possui e como ela deseja possuir, salientando, também, sua vinculação como fator de risco para a depressão.

Analisando quais fatores que afetam o sentimento de solidão em adultos, Cardona et al (2013) destacam como as variáveis idade, sexo, estado civil, grau de escolaridade e recursos econômicos estão vinculadas com o potencial de desenvolvimento de solidão nos sujeitos. Sujeitos de baixo nível socioeconômico e maiores de 75 anos são identificados como grupos de maior vulnerabilidade a sentir-se só, sendo a educação um fator que auxilia no desenvolvimento de ferramentas para trabalhar em torno do tópico.

Complementando e complexificando essa perspectiva, Lopes, Lopes e Camara (2009) apresentam como velhice não é sinônimo de solidão, já que essa solidão, como primeiramente associada com morte social, é percebida pelos idosos como uma tristeza que leva a ela, gerada por “depressão, luto, isolamento social e abandono” (2009, p. 380). Nesse contexto, Sweeting & Gilhooly (1997), em seu estudo sobre o fenômeno da morte social em idosos com demência, ao entrevistarem cem cuidadores de sujeitos nessa situação, ressaltam que mais de um terço responderam de forma a indicar que, em algum nível, o idoso estava sofrendo de perdas de vínculos sociais e de abandono coletivo antes de sua morte biológica, sendo percebidos como mortos socialmente.

Pensando enquanto manifestação psicopatológica, a presente proposta é respaldada a partir da formulação conceitual de Tenório (2003) sobre o que é psicopatologia, percebendo-a como:

Partindo desta visão de homem, podemos dizer que a psicopatologia vai se manifestar por meio de uma vivência de sofrimento onde a pessoa se sente vítima e presa a um destino sombrio e a uma existência destituída de realizações gratificantes e prazerosas. Sem liberdade de escolha, a pessoa vive a sensação de estar encurralada pelas circunstâncias da vida, sentindo-se impotente para modificá-las, submetendo-se a elas, num sacrifício alienante e inevitável (Tenório, 2003: 37).

Considerando essa definição, associada ao fato de Tenório (2003) destacar como, nessa leitura psicopatológica, pode haver uma “desorganização da cronologia existencial” (2003, p. 38), a morte social, ao recuperar seu caráter de sofrimento desorganizador, excludente socialmente e de desesperança de futuro, pode ser percebida enquanto uma psicopatologia que afeta diretamente o sujeito através do esgotamento não apenas de sua rede de apoio, mas também de seus contatos interpessoais em geral. Portanto, o olhar sobre esse tipo de caso deve ser pensado necessariamente, também, por uma lógica estrutural do contexto em que o indivíduo está inserido, considerando as qualidades das relações que estabelece, de que modo sua trajetória de vida se caracteriza e como sente essa perda de contato social a partir das qualidades prévias das relações.

Portanto, considerando que necessariamente é uma psicopatologia que envolve a percepção da pessoa sobre suas relações em uma dinâmica de passado, presente e futuro, com suas capacidades de localizar-se, identificar-se e projetar-se com potencial de vida em sua própria trajetória, propõe-se uma reflexão fenomenológica sobre essa psicopatologia a partir da memória enquanto fio condutor que explica e pode ser trabalhada em torno das perdas identitárias e de seus diversos sofrimentos sintomáticos resultados da morte social.

Nesse sentido, como foi previamente demonstrado, a morte social pode ser percebida e pensada em diversos recortes e em diversos casos, já que se caracteriza a partir de um processo que pode ter diversas causas e circunstâncias. Para pensar esse vínculo mnemônico no fenômeno da morte social, utiliza-se o caso da morte social em casos de jovens, e analisa-se de que modo esse olhar sobre como situar o sujeito em um contato vital com a realidade pela memória pode ser pensado a partir da atividade musical, muitas vezes uma experiência significativa nessa faixa etária.

A perspectiva fenomenológica

Partindo da perspectiva de Minkowski (2000), o sofrimento é parte integrante da existência humana, marcando-a e reposicionando-a em momentos em que se apresenta na realidade. Apesar de suas tentativas de evitação e controle, ele não é submetido a quaisquer mecanismos, achando brechas para ser ouvido e sentido, sendo necessário, portanto, percebê-lo em uma perspectiva em que o sofrimento se revela o que é. Não se trata também de romantizá-lo em um contraponto a sua evitação, mas de apreender o que

seu fenômeno apresenta de potencial para perceber a realidade. Suas formas de tradução, como estados de depressão ou desamparo, não são suficientes para compreender todo seu potencial expressivo, já que ainda não apresentam o sofrimento em si na sua totalidade.

O sofrimento pode surgir em diversas facetas e momentos, como é defendido por Minkowski (2000), sendo a nostalgia, por exemplo, um sofrimento essencial da existência humana, representando uma perda de algo precioso individual para o sujeito. Sendo esse processo subjetivo e individual, o sofrimento pode simbolizar e apresentar para o sujeito diversas significações e conteúdos, desde o desejo do retorno dessa perda ou o sentimento de irreparação do vazio de sua ausência. Considerando essa miríade de fatores e possibilidades que se contêm no fenômeno, torna-se difícil traçar seus limites entre o patológico e a normalidade ao analisar suas manifestações, já que sintomas como a ansiedade não são necessariamente patológicos, correndo o risco de reduzir o que o fenômeno expressa quando apresentado na realidade.

No caso da morte social, nota-se que há um sofrimento excessivo no viver que advém da relação do sujeito com a estrutura social, não sendo reduzido apenas em algo natural da existência, mas resultado de uma estigmatização e autoestigmatização que passam a conduzir o pensamento cotidiano do sujeito, gerando um vazio existencial que pode ocasionar casos de agressividade e impulsividade. Deve-se, portanto, em um exame de realidade, ponderar de forma crítica sobre como o sofrimento está sendo vivenciado e expressado pelo sujeito, percebendo essas características que podem indicar a experiência da morte social.

É também a partir de Minkowski (2004) que se torna possível perceber como há um valor de se compreender pela via das metáforas nessas análises de dados imediatos da consciência, já que são irracionais perante um paradigma da ciência exata. Seu conceito de “contato vital” torna-se útil, portanto, ao analisar esses dados, pois é exatamente como esses fatores irracionais penetram na personalidade e geram reações, como atos, sentimentos, risadas, lágrimas, que não são passíveis de localização exata e análise objetiva positivista, mas são vivenciados e apresentados no fenômeno. É exatamente essa qualidade da metáfora enquanto contato do sujeito com seus conteúdos que não são traduzidos pela consciência e da recuperação do contato vital do sujeito com sua realidade que será recuperado, no decorrer do presente trabalho, em razão da defesa da intervenção pela via da atividade musical enquanto recuperação e relocalização do sujeito em sua

trajetória de vida e em sua potencialidade na atividade presentificada, reconfigurando sua relação identitária.

Minkowski (1970) irá ressaltar como o contato vital com a realidade, enquanto experiência significativa do sujeito revestida de significado é, necessariamente, atravessada por viver o tempo, recuperando o passado pela memória e também antecipando o futuro, permitindo gerar uma dimensão dinâmica no presente. Para o autor, o tempo é uma experiência primária e vital, possuindo intencionalidade que orienta e direciona a vida ao futuro, sendo o “tempo vivido”, conceito delimitado pelo autor, é o tempo em que se dá a atividade do sujeito, responsável pela sequência, coerência e finalidade das ações, como alegria imediata de viver pelas potencialidades de futuro. Considerando a perda de perspectivas de futuro no caso de morte social em jovens, como previamente apresentado por Kaplan (2013), essa proposta de Minkowski torna-se basilar em um exame sobre a condição da vivência do tempo por parte do sujeito, pois exatamente nesse fenômeno representa-se como a pessoa situa seu sentido e seu potencial vital no cotidiano, necessitando recuperar em casos da psicopatologia aqui discutida a vinculação que o sujeito estabelece com sua trajetória de vida, seu contato vital presentificado e sua disposição ao futuro.

O estado de delírio, para Minkowski (2016), se dá em casos de sujeitos que se descolam da realidade comum da vida cotidiano, não conseguindo, por exemplo, separar o que se destaca no campo da consciência do que é insignificante, podendo gerar manifestações de sentimentos persecutórios. Ao recuperar o caso da paciente de Williams (2007), pode-se perceber como a morte social pode gerar as condições para estabelecer uma norma de pensamento delirante no sujeito. Como Minkowski (2016) irá defender, deve-se atentar-se sobre a dinâmica e a lógica do pensamento que o paciente demonstra e apresenta, gerando a incapacidade de encaixar ao ritmo do tempo ambiente, necessitando buscar distensionar essas manifestações paranoicas para voltar a sentir-se à vontade face ao ambiente em seu dinamismo natural.

Nolasco e Freitas (2021) percebem como a vivência do tempo cotidianamente é assimilada em dinâmica ao espaço, com suas divisões em calendários, demarcado em relógios etc. Esse processo organiza a atividade do sujeito enquanto modo de relação com o espaço, que movimenta o ímpeto vital e abre possibilidades do futuro ao organizar o tempo, sendo um processo necessário para gerar um contato vital do sujeito, em que, evocando Minkowski (2004), permite observar como, portanto, a perda da mobilidade do

sujeito e da fixidez em sua relação com o espaço gera uma perda de contato com a realidade, realizando um afastamento de si em uma outra relação com o tempo. Esses fenômenos podem ser atrelados, de início, com o que foi proposto acerca da morte social, com sua perda de referencial externo e consequente despersonalização, reiterando a necessidade de avaliação do paradigma “eu-aqui-agora” enquanto orientação do sujeito na constituição de si.

É ressaltado por Nolasco e Freitas (2021) a importância desse processo pois atividades como pensar, sentir, raciocinar e analisar como consequências do contato vital, pois representam uma essência viva do sujeito na relação estabelecida com o ambiente, permitindo uma comunhão entre o eu e o meio. Nesse processo em que resulta-se o ímpeto vital, ele permite a abertura do tempo vivido para deslocar o ser ao futuro, e resulta que sua ausência gera-se um tempo fragmentado e estagnado, refletindo diretamente no ser. Percebe-se, portanto, como o fenômeno da morte social pode ser associado em uma leitura fenomenológica sobre a experiência do sujeito em relação ao tempo, com seus processos identitários sendo transformados dialeticamente a partir das mudanças que ocorrem em sua trajetória de vida, gerando o fenômeno da morte social enquanto resultado de diversas contingências e relações estabelecidas nesses processos.

Sendo a morte social uma forma específica de morte, torna-se propício buscar o trabalho de Freitas (2013) acerca da relação de luto com um olhar fenomenológico para compreender suas possíveis manifestações no presente caso. É demonstrado pela autora como o luto revela o caráter intersubjetivo, enquanto processo de tornar-se visível a si mesmo em um contato com o outro que se fundam as relações e experiências subjetivas, pois ao outro ausentar-se, gera-se uma experiência nova carente de sentido, em que a mudança abrupta na relação eu-tu gera uma transformação do ser no mundo em seu campo de coexistência, modificando, portanto, a relação do indivíduo consigo mesmo. Considerando a dinâmica proposta pela morte social, há uma desconexão do sujeito com uma versão sua e uma experiência sua do passado, junto de uma desesperança de recuperar essa vivência, caracterizando um luto do eu com uma versão imaginada de si mesmo no passado.

Considerando as disposições citadas até o presente momento da discussão, em que a morte social pode ser percebida enquanto um fenômeno de perda de contato vital do sujeito em sua experiência com o mundo, decorrente de diversos processos individuais que coexistem em sua trajetória de vida, gerando perda de sentido, despersonalização e

desconexão com o ambiente, a fenomenologia auxilia a elucidar alguns dos processos nos quais o sujeito está inserido na ocorrência desse fenômeno. Seja pela via de enrijecimento e fixidez na relação com o tempo, pela perda de contato de si mesmo a partir da relação eu-tu que o próprio sujeito estabelece ou pelos impactos que a dinâmica que o mundo cultural acomete ao indivíduo, a morte social revela-se enquanto algo que comunica uma condição específica na qual a pessoa está inserida. Partindo desse princípio é proposta a reflexão de como aprofundar acerca do fenômeno da memória permite investigar os elementos que compõem essa condição do sujeito, além de formas, após perceber o fenômeno, permitir a realização de uma ressignificação e reconfiguração da manifestação de si no mundo e em relação consigo mesmo.

Pensando fenomenologicamente a memória

Assim, propõe-se, em decorrência dos tópicos previamente elaborados e desenvolvidos, centralizar no presente estudo a discussão do fenômeno da morte social a partir de processos que se dão em torno da memória. Essa escolha se dá, pois, ao pensar o presente processo de perda de vínculos afetivamente significativos, exclusão, despersonalização, solidão, entre outros fatores e elementos, considera-se que há uma história de vida que proporciona qualidades subjetivas próprias para esses processos. Essas qualidades só podem ser compreendidas a partir da historicidade própria de quem as vive, e perceber o que é perdido nesse processo de morte e luto de experiências passadas torna-se essencial na análise dos impactos e das decorrentes transformações existenciais desses sujeitos.

A memória, enquanto experiência, é de imensa relevância na vivência da morte social, pois essa perda e esse vazio decorrente do isolamento de si é sentido, também, por haver uma presença prévia, que é resgatada pela memória. Repensar formas de perceber, compreender e ressignificar as memórias, portanto, torna-se uma tarefa central na análise de um fenômeno dessa natureza.

Os fenômenos que relacionam memória com a identidade do sujeito podem ser pensados a partir de Ricoeur (2007) que, em seu estudo, ressalta como recordar é um ato que busca o que se teme ter esquecido. Nesse processo de recordação, pode-se ter sucesso ou falhar, sendo a recordação bem-sucedida uma figura possível para uma “memória

feliz”, cumprindo uma das principais finalidades da memória, que é lutar contra o esquecimento, realizando seu dever de não esquecer.

Esse procedimento, como é ressaltado por Ricoeur (2007), é de imensa importância, pois o processo de lembrar implica também recordar das situações do mundo em que o próprio corpo e o corpo dos outros estavam implicados, gerando um horizonte do mundo e situando o sujeito nele. O recordar, enquanto fazer reviver o passado, pode ser acessado a partir de “lugares de memória”, localizados em indícios de recordação para a memória que falha com suas inscrições, com seus apoios para o momento do ato reflexivo. A fragilidade identitária pode decorrer de uma fragilidade de memória, que é o componente temporal da identidade.

É também pensado por Ricoeur (2007) como a memória funda a identidade pela narrativa, sendo ela uma articulação das lembranças, sendo o passado necessariamente o passado do sujeito e de suas impressões, orientando, a partir de seus eventos e vivências, a passagem do tempo. Portanto, partindo da obra de Paul Ricoeur, pode-se perceber como o lembrar é intimamente conectado com a formação identitária do sujeito, que se apropria de diversos instrumentos possíveis para recuperação de memórias que, por sua vez, dão sentido sobre sua trajetória de vida orientada a partir das experiências corporais prévias.

Portanto, como Nascimento e Menandro (2005) defendem, a memória pode ser significada como a propriedade humana que gera sentido no presente em sua contínua construção. Esse fenômeno pode ser ressaltado por Wertsch (2002) ao analisar como, ao prover conteúdos passados, sua função localiza-se no presente e no futuro, gerando o fenômeno proposto por Draaisma (2004) de elaborar o tempo psicológico, em que se geram marcos que ordenam a trajetória pessoal do indivíduo. Nessa dinâmica, Candau (2019) explicita como a memória autobiográfica, portanto, busca “construir um mundo relativamente estável, verossímil e previsível, no qual os desejos e os projetos de vida adquiram sentido” (2019, p. 73).

Percebe-se, portanto, como buscar reconstituir a relação que o sujeito estabelece com suas experiências passadas pode auxiliar no trabalho de sujeitos inseridos no fenômeno da morte social pois, ao analisar e trabalhar em conjunto com o exercício ativo do recordar, como proposto por Ricoeur (2007), pode-se explorar a recuperação da relação do sujeito com sua formação identitária a partir de seu reordenamento temporal. Partindo dessa perspectiva, o presente estudo busca debater a importância da análise que

o sujeito estabelece consigo mesmo para a recuperação de seu contato e ímpeto vital em sua realidade, instrumentalizando ferramentas próprias do cotidiano na recuperação desse contato significativo com a realidade.

A música e a transformação das condições de construção narrativa de si

Partindo das condições previamente estabelecidas acerca de como a leitura fenomenológica funda um olhar complexo e afetivo sobre o fenômeno da morte social, buscam-se possíveis formas de atuação que permitam o sujeito reestabelecer o vínculo consigo mesmo em uma nova relação eu-tu corporificada a partir de suas próprias experiências passadas. Para isso, é proposto como exemplo o caso da atividade musical enquanto ferramenta possível para a realização desse novo vínculo.

O caso de jovens previamente apresentado como recorte para compreensão da morte social é relevante ao discutir a intervenção pela via da atividade musical pois, como North, Hargreaves e O'Neill (2000) demonstraram em sua investigação com a aplicação de um questionário sobre o envolvimento com atividades musicais, sua importância e suas razões de práticas com 2465 adolescentes na Inglaterra, a prática musical revelou-se importante por permitir criar uma imagem de si para o mundo externo e por sanar necessidades emocionais. Além disso, Papinczak et al (2015) demonstram como é possível fazer uso da música para melhorar relacionamentos, reconectar sujeitos com suas emoções e atuar como fator protetivo em desordens emocionais, em que a escuta musical pode ser utilizada como uma forma mais prazerosa de engajamento com regulação emocional no caso de jovens.

Laiho (2004) também irá ressaltar como, na juventude, a prática musical varia de acordo com a necessidade que o sujeito expressa, com distinções individuais que se diferenciam no contexto e na trajetória de vida do sujeito. Apesar dessas diferenças, o uso da música como forma de promoção de saúde em adolescentes, a partir de formas criativas de contato com seus conteúdos que advêm da sua experiência cotidiana, demonstra-se de imensa importância transversalmente nessa faixa etária, com suas próprias qualidades subjetivas para cada pessoa.

É demonstrado por Sacks (2010) como a atividade musical é intrinsecamente conectada em relação à identidade social e individual, seja pela formação de grupos sociais a partir de gostos comuns ou pela formação de lembranças com traços musicais

associados. Esse fenômeno permite que, por exemplo, como o autor ressalta, pacientes que possuem mal de Alzheimer possam recuperar diversas áreas de cognição a partir da intervenção musicoterápica. As redes neurais dos sujeitos que compõem o estilo pessoal do sujeito, portanto, são enraizadas na vida mental, fazendo com que a sensibilidade e a emoção musical sobrevivam além de outras formas de memória, tornando-se, portanto, um enorme auxílio em exercícios de recordação e reconstituição identitária dos sujeitos.

DeNora (1999) ressalta como a música é uma ferramenta de contínua construção de si em aspectos emocionais, mnemônicos e biográficos, permitindo a autointerpretação e a constituição de uma autoimagem na formação de um *self*. Indo além da apreciação musical, percebe-se o ato musical de forma pragmática, sendo a música uma experiência de construção de si de forma integral. Sendo tão integral na formação de indivíduos, Justel, O'Connor e Rubinstein (2015) defendem como, por conta de seu forte efeito modulador da emoção na memória, o ato de recordação em adultos mais velhos era facilitado em ambientes acompanhados de composições significativas para si.

Por fim, o trabalho de Silva e Guerra (2021) permite compreender como as práticas musicais facilitam o desenvolvimento de sentido na realidade contemporânea, atravessada por diversas contingências que dificultam a situação do sujeito em um presente com potencialidade de imaginação de um futuro. Portanto, partindo das análises previamente realizadas, torna-se possível perceber como a atividade musical pode, enquanto facilitadora do ato de recordação, enquanto reconfiguração identitária na relação do sujeito consigo mesmo, permitir uma intervenção possível a partir do fenômeno da morte social, contemplando a própria trajetória de vida do sujeito enquanto potencial afetivo em contraposição aos sintomas de despersonalização e perda de contato com o ambiente, apropriando-se, como a perspectiva fenomenológica defende, das próprias qualidades corpóreas da experiência de vida do sujeito na reconstituição de seu contato vital, abrindo novas possibilidades de aquisição de sentido e realocização temporal.

Recuperando a proposta de Minkowski (2004) do uso de metáforas para entrar em contato com os dados imediatos da consciência, a prática musical pode demonstrar-se interessante em casos de morte social, pois promover a escuta de canções significativas com pacientes que atravessam essa vivência psicopatológica pode permitir entrar em contato com memórias significativas que, como ressaltaram Minkowski (1970) e Ricoeur (2007), é essencial para a realização de uma narrativa própria do sujeito sobre sua

experiência. Essa localização permite uma nova disposição do sujeito em relação ao futuro, como Silva e Guerra (2021) demonstram, podendo responder sobre o sintoma de desconexão do sujeito e perda de perspectiva de futuro de jovens acometidos por morte social, como Kaplan (2013) ressalta.

A música, portanto, tem um papel de ressignificar a ausência do que é perdido no processo de morte social. Nesse processo há uma presença desse perdido que é recuperado, com sua vitalidade e afetividade, que pode permitir exatamente ao sujeito entrar em contato com sua própria narrativa de vida, com um passado que foi vivenciado, que leva ao seu presente e que, por sua vez, pode construir um futuro. Trazer essa afetividade enquanto sentimento presente que pode ser atuado e ressignificado é central nesses casos pois permite criar novos sentidos de vida, não ficando uma vida passada apenas perdida, eliminada, mas presente e reivindicada, com seus próprios sentidos e sua própria historicidade.

Os contextos possíveis de pensar essa aplicação tornam-se diversos ao considerar sua instrumentalização na realidade. Sujeitos que perdem vínculos afetivamente significativos e, em decorrência disso, perdem perspectivas de futuro e contato com seu próprio presente, podem repensar narrativas de vida, memórias e sentidos que levaram até o momento em que se encontram para então, revestidos de nova vitalidade, poder criar novos futuros. Também é possível pensar casos de vivências traumáticas que geram isolamento social, cujo acesso aos seus conteúdos e experiências gera sofrimentos inimagináveis, podendo ser elaborado a partir de vias criativas pela escuta conjunta de músicas afetivamente significativas para situar a pessoa novamente em uma cronologia própria com seu potencial de futuro. Por fim, ressalta-se a possibilidade de instrumentalizar as músicas pela expressão de processos subjetivos que não estão sendo possíveis de serem comunicados pela fala, percebendo o que ressoa com o sujeito nas canções para então trabalhar em contextos terapêuticos para promover seu contato afetivo com sua realidade.

Portanto, reitera-se como, ao passo que cada caso da experiência psicopatológica da morte social possui suas próprias características e condições, alguns aspectos podem ser percebidos como estruturantes e transversais a esse fenômeno, como estar inerentemente vinculado a uma dinâmica social, com a relação do sujeito com seus contatos interpessoais cotidianos e os sintomas que decorrem a partir de sua exclusão sistemática ou de perda significativa de qualidade dos seus vínculos cotidianos. No

presente caso, foi percebido como algumas características também atravessam recortes específicos, como no caso dessa experiência psicopatológica com jovens, com suas possíveis leituras fenomenológicas e intervenções de acordo com os sintomas que emergem desse recorte, incentivando maiores explorações sobre o fenômeno em outros recortes, além da realização de mais estudos com maior profundidade empírica para investigação e elucidação de elementos que compõem a manifestação da morte social contemporânea.

Considerações finais

O presente trabalho propôs analisar o fenômeno da morte social a partir da perspectiva fenomenológica e, como resultado desse processo, compreender de que modo a atividade da memória é central na investigação dos casos que são acometidos por esse tipo de morte. Partindo dessa premissa, foi explorado como o ato de recordação pode ser instrumentalizado enquanto possibilidade de novas formas de contato do sujeito consigo mesmo a partir da recuperação de uma narrativa de si, propondo a atividade musical como um procedimento possível para a realização desse processo. Percebe-se, portanto, como a morte social pode ser percebida em atividades de psicoterapia enquanto uma perda de contato vital do sujeito com a realidade, sendo incentivadas atividades afetivas de reconfiguração identitária, como a partir da atividade musical, para perceber o fenômeno junto do sujeito sem sua redução, e sim com a exploração de sua manifestação em sua trajetória de vida a partir do ato de rememoração. Incentivam-se, portanto, maiores análises em torno do fenômeno da morte social pelo prisma da análise fenomenológica, além do desenvolvimento de outras formas de intervenção para compreensão de sua ocorrência em conjunto com o sujeito que está vivenciando esse fenômeno em seu próprio contexto, com suas potencialidades de percepção próprias advindas de sua vivência cotidiana em contato com a realidade.

Referências bibliográficas

- Barroso, S. M., Baptista, M. N., & Zanon, C. (2018). Solidão como variável preditora na depressão em adultos. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 9(3), 26-37.
- Borgstrom, E. (2017). Social death. *QJM: An International Journal of Medicine*, 110(1), 5-7.
- Candau, J. (2019). *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto.
- Cardona Jiménez, J. L., Villamil Gallego, M. M., Villa, E. H., & Echeverri, Á. Q. (2013). El sentimiento de soledad en adultos. *Medicina upb*, 32(1).
- dos Santos, A. J., Ferreira, D., Ribeiro, O., Freitas, M., Correia, J. V., & Rubin, K. (2013). Isolamento social e sentimento de solidão em jovens adolescentes. *Análise Psicológica*, 31(2), 117-127.
- DeNora, T. (1999). Music as a technology of the self. *Poetics*, 27(1), 31-56.
- Draaisma, D. (2004). *Why life speeds up as you get older: How memory shapes our past*. Cambridge University Press.
- Elias, N. (2001). *A solidão dos moribundos, seguida de envelhecer e morrer*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Freitas, J. L. (2013). Luto e fenomenologia: uma proposta compreensiva. *Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies*, 19(1), 97-105.
- Justel, N., O'Connor, J., & Rubinstein, W. (2015). Modulación de la memoria emocional a través de la música en adultos mayores: Un estudio preliminar. *Interdisciplinaria*, 32(2), 247-259.
- Kaplan, C. V. (2013). Os jovens e seus medos sociais: da morte e de serem excluídos. *Teias*, 14.
- Králová, J. (2015). What is social death?. *Contemporary Social Science*, 10(3), 235-248.
- Laiho, S. (2004). The psychological functions of music in adolescence. *Nordic Journal of music therapy*, 13(1), 47-63.
- Lopes, R. F., Lopes, M. T. F., & Camara, V. D. (2009). Entendendo a solidão do idoso. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, 6(3).
- Massariol, A. (2020). *Bioética e mistanásia: morte social e prospectos mitigadores*. (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo.
- Mendonça, M. H., & da Silva, M. A. M. (2014). Vida, dignidade e morte: cidadania e mistanásia. *Ius gentium*, 9(5), 151-190.
- Minkowski, E. (1970). *Lived Time: Phenomenological and Psychopathological Studies*. Evanston, Northwestern University Press, 1970.
- Minkowski, E. (2000). Breves reflexões a respeito do sofrimento (aspecto pático da existência). *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, III(4), 156-164. <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=233017663011>

- Minkowski, E. (2004). A noção de perda de contato vital com a realidade e suas aplicações em psicopatologia. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, VII(2), 130-146. <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=233017780008>
- Minkowski, E. (2016). O delírio. *Revista Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea*, 5(1), 72-85.
- Nascimento, A. R. A., & Menandro, P. R. M. (2005). Memória social e saúde: especificidades e possibilidades de articulação na análise psicossocial de recordações. *Memorandum: Memória e História em Psicologia*, 8, 5-19.
- Neto, F., & Barros, J. (2001). Solidão em diferentes níveis etários. *Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento*, 3.
- Nolasco, F. I., & Freitas, J. D. L. (2021). Tempo, Sofrimento e Ímpeto Vital: Investigações Fenomenológicas em Minkowski. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 37.
- North, A. C., Hargreaves, D. J., & O'Neill, S. A. (2000). The importance of music to adolescents. *British journal of educational psychology*, 70(2), 255-272.
- Papinczak, Z. E., Dingle, G. A., Stoyanov, S. R., Hides, L., & Zelenko, O. (2015). Young people's uses of music for well-being. *Journal of Youth Studies*, 18(9), 1119-1134.
- Ricoeur, P. (2007). *A memória, a história, o esquecimento*. Unicamp.
- Sacks, O. (2008). *Musicophilia: tales of music and the brain, revised and expanded edition. Vintage; Revised and enlarged edition*.
- Silva, G. B. da, & Guerra, P. (2021). Um panorama nublado: a atividade musical como reconstrução identitária. *Orfeu*, 6(1). <https://doi.org/10.5965/2525530406012021e0018>
- Sweeting, H., & Gilhooly, M. (1997). Dementia and the phenomenon of social death. *Sociology of Health & Illness*, 19(1), 93-117.
- Tenório, C. M. D. (2003). A psicopatologia e o diagnóstico numa abordagem fenomenológica-existencial. *Universitas: Ciências da Saúde*, 1(1), 31-44.
- Wertsch, J. V. (2002). *Voices of collective remembering*. Cambridge University Press.
- Williams, K. D. (2007). Ostracism: The kiss of social death. *Social and Personality Psychology Compass*, 1(1), 236-247.
- Whitehead, E. (2001). Teenage pregnancy: on the road to social death. *International journal of nursing studies*, 38(4), 437-446.